

Marly Carvalho Soares\*

Uma das mediações da ultrapassagem da moral em direção a vida de comunidade, isto é, política – é realizada pela educação – cuja tarefa é trabalhar não sobre o plano das intenções, mas sobre o plano das ações. Enquanto a moral condena as paixões, os vícios, a educação corrige-os, orientando-os para um bem maior, a partir daquilo que é e não daquilo que deveria ser.

A educação insere o direito natural não somente sobre uma lei civil, mas nos costumes concretos de uma comunidade. Porém esta inserção serve-se de um intermediário - que é a figura do filósofo educador - o qual trabalhará sobre o indivíduo em busca de sua racionalidade através de várias etapas até a promoção do Estado mundial, onde a liberdade razoável será real. Será que esta comunidade, este Estado são portadores deste sentido de racionalidade a qual o indivíduo caminhará? Como concretizar este Estado de razão? Em suma qual é o problema político que possibilitará ou dificultará esta vida “virtuosa” dos seus cidadãos? Esta pergunta continua a atravessar séculos e hoje constitui ainda o núcleo central da problemática social, o que justifica mais uma vez a atualidade do pensamento político de Weil ao retomá-la na sua reflexão.

Nesta nova tentativa de personalização do indivíduo trabalharemos com questões inquietantes para as diferentes formas de interpretação da experiência humana. Afinal, o que é o mal? o bem? quem forma e quem instrui? por que a violência? quem é o sujeito na transformação do indivíduo? a quem cabe tão nobre missão? Estas perguntas se originaram no passado e constituem a marca característica da nossa epocalidade. O filósofo atuando na esfera significativa do mundo é obrigado a tematizar todas

estas questões, uma vez que segundo Hegel “a Filosofia é o tempo no conceito” e cabe ao filósofo captar a inteligibilidade presente na História.

O homem dia-à-dia precisa ser educado neste processo de experiências comunitárias para que sua individualidade não seja a negação da dimensão social do homem, mas sim o artífice da vida política. Esta conciliação entre o indivíduo e o comunitário foi sempre o horizonte perseguido daqueles que levaram e levam a sério a pessoa humana no seu processo de realização.

A busca da vida política foi sempre a mira dos maiores homens que têm como opção pensar e agir na humanidade. E quando este objetivo desvia-se de sua meta, caímos nos maiores crimes, destruidores da dignidade do homem – como tantas ideologias que se desviaram do bem comum – precipitando-se num totalitarismo que a própria História se encarrega de destruir como por exemplo a ideologia marxista no seu desvio, como também a exaltação idolátrica do indivíduo vivida hoje por um “capitalismo selvagem” reforçado por uma sociedade de consumo das coisas e do próprio homem.

Weil ao definir a tarefa essencial do filósofo a nível da educação nos surpreende com a seguinte afirmação: “... trata-se de vencer a paixão dos homens no plano da paixão com os meios que são próprios da paixão”<sup>1</sup>.

Para isso ele se servirá da empiria - positividade histórica - que é o campo onde as paixões se manifestam e se degradam nas suas diversas relações. Na relação do homem consigo mesmo esta constitui a sua mais temível tentação: ele próprio. E a grande infelicidade é que muitos fogem do mundo e de sua agitação para serem devorados por si mesmos. O homem, muitas vezes, é visto na História como

\* Marly Carvalho Soares, Profª Drª em Filosofia pela Universidade Gregoriana - ROMA

<sup>1</sup> PP, p.44

um monstro que digere sua própria presa lentamente e de maneira inexorável. Em relação com os outros, esta presa se manifesta mais feroz onde sobressai a lógica da morte e da dominação com armamentos psíquicos e bélicos capazes de dar um ponto final à aventura humana sobre a terra e na relação com a natureza tem primazia a posse e destruição dos bens universais em prol do lucro e do egoísmo.

Em todas estas relações vividas domina a dialética da malignidade, o que confirma que:

*“Os homens, todos os homens, inclusive o homem da reflexão moral que não se limita à reflexão, agem movidos pelo que têm de mau, dado que não são universais”<sup>2</sup>.*

Eles manifestam e afirmam o seu caráter empírico, seus desejos e suas paixões. Embora sejam submetidos à universalidade da lei positiva, esta é ainda movida ou pelo interesse ou porque evitam o que lhes temem. Qual será então o lugar do Bem? *“o bem está, pois indissoluvelmente ligado ao mal, um mal que não pode ser desenraizado, apenas transformado”*. Esta é a outra tese que questiona todo caráter aporético do enigma do mal perpassado em toda a história do pensamento filosófico, aproximando-se mais da visão hegeliana uma vez que o conceito de mal é tomado em sua acepção ético-política. Porém todos estes pensadores recusam o conceito de uma vontade que busca e quer o mal, isto é, de uma vontade maligna.<sup>3</sup>

O mal pode ser transformado, sendo que esta transformação não pode ser realizada só pela força do bem. No plano da positividade e da realização o bem não constitui nenhuma força, pois toda força se encontra do lado do mal, que é o motor da ação humana. Uma vez que o mal não pode ser desenraizado isto implicaria sempre a presença do mal como um fato, como força que age e que exige continuamente que alguém pense e aja nesta mesma realidade seja como filósofo, seja como político, cada um na sua peculiaridade, retomando e educando esta humanidade à razão e à liberdade.

O perfeitamente bom não teria nem interesses e nem agiria e se existe este, é devorado e sucumbido no abismo onde as forças malignas o prepara. Se, pois, o bem deve ser realizado, ele só poderá sê-lo através do mal. Portanto não interessa saber o que é o bem, pois nesta dialética de nada

serviria; interessa saber qual é o mal vigente, qual é o mal a ser vencido, a fim de que o bem possa tornar-se real.

E neste itinerário de apreender o mal nos deparamos com a própria natureza humana: *“a sua paixão, a sua violência, a sua vontade natural”*; e o pensador moral torna-se mais consciente deste dilema, porque esta luta contra a paixão é o conteúdo da sua própria vida moral. O filósofo é aquele que vive em constante guerra com o mal que existe em si e no mundo. Porém ele acaba compreendendo que não basta lutar apenas em si mesmo e consigo mesmo, se ele quer que a moral atue no mundo. *“Como homem vivo e consciente, ele deve agir sobre os homens vivos e inconscientes, de modo que seu discurso-ação os toque”<sup>4</sup>*. O seu projeto de atuação, mesmo dirigido pela idéia do bem, não é o projeto de uma consciência apenas julgante, mas seja o projeto de um homem de convicção, de ação, animado porém por suas paixões.

Um certo “cinismo” considera inútil para quem quer compreender a realidade humana o uso da consciência moral e o conteúdo, e que o bom senso prático, o mundo das experiências, os conhecimentos psicológicos dispensariam tal consciência e possibilitariam melhor conhecimento. Porém eles esquecem que, quando propõem nos seus iluminados discursos o bem da comunidade, o sentido das ações, eles estão anunciados, consciente ou inconsciente que uma moral dirige a ação humana.

A moral pura não é senão a consciência subjacente a toda moral que quer ser razoável. Eles negam a moral, utilizando seus princípios e categorias nos seus discursos e ações. Por outro lado, outra forma de “cinismo” chega a tomar a aparência de respeitabilidade, quando nega que não existe esse pretensão bem e quem fala do bem é ingênuo ou impostor para iludir os tolos que constituem a imensa maioria da humanidade. É evidente que o bem só pode realizar-se numa situação má, pois o contrário não haveria lugar para a ação e a moral se o mundo fosse totalmente bom.

Entretanto o que o filósofo quer realizar é o bem numa positividade considerada má. Este decidiu aceitar as condições da realidade. Também os meios para realizar o bem não são dados pelo bem, pois este nunca pode ser meio para alguém, ele será o fim de tudo. A idéia do bem é o referencial de todas as ações conscientes ou inconscientes. Os

<sup>2</sup> ibidem, p.44

<sup>3</sup> PP, pp. 44-45

<sup>4</sup> ibidem, p.45

meios podem ser bons ou maus, jamais pode ser o Bem. O homem violento é aquele que não houve a voz da razão, por amor do bem. Contudo, a voz da razão não é um “*flatus vocis*” pois o homem que vive na violência pode conhecê-la, erguer-se contra ela e combatê-la.<sup>5</sup>

É o bem que o homem moral quer realizar na história, uma vez que ele aceitou as condições da ação positiva. Porém se ele não quer se render ao princípio do moralismo puro, ele deve apelar para a violência para que o homem e o seu mundo não sucumbem à violência de onde saíram. De maneira que a violência que a educação tem em vista.

*“Não é violência física que o homem sofre por parte da natureza exterior (enfermidade, fome, morte...), nem a que os outros indivíduos lhe afligem (sentimentos, privações...). É a violência que o homem, enquanto ser razoável, sofre por parte do seu ser empírico: o homem sofre de si mesmo (passio, páthos, Leidenschaft) e é dessa paixão que a educação deve libertá-lo”<sup>6</sup>.*

É importante se verificar que na ordem das violências a que ocupa o ponto nodal é a violência interior, própria da individualidade enquanto tal, a qual tem como conseqüências todas as outras em que o homem é visto como vítima, objeto ou herói. E para usar uma linguagem bíblica por analogia “*o que contamina o homem não é o que vem de fora, mas o sai do coração do homem*”. E o homem no seu peregrinar histórico constata dia-a-dia a dureza do coração humano, quando este se fecha à sua violência interior, à sua paixão.

A individualidade definiu-se então pela paixão e é dessa paixão que a educação deve tratar. Porém não é importante a medida do emprego das paixões contra a paixão, mas a “*escolha da paixão como meio*”. O instrumento da educação será portanto trabalhar esta paixão a fim de elevá-la à racionalidade. Porém esta educação é condicionada a dois fatores: primeiro a cada caso individual - que certamente varia de indivíduo a indivíduo, embora considerada sempre paixão e em segundo lugar, da moral da época, com seus usos e costumes. A sensibilidade ou melhor a perspicácia do filósofo consiste neste contexto em perceber agudamente a paixão atual e dominante do indivíduo dentro da moral que é vivida no momento. Se há uma adequação da pai-

xão ao tempo e a moral ou por outro lado há uma disparidade que faz com que o homem perca a orientação e o sentido da sua existência. Cada época suscita o desabrochar de uma determinada paixão motivada pelas coordenadas e interesses que movimentam a sociedade do momento. O pensador moral não pode se olvidar de perscrutar esta paixão - a fim de que por meio de outra paixão - numa hierarquia de valores seja combatida e reelevada à universalidade.

O indivíduo deve ser educado para o interesse universal concreto. Em todas as suas ações e discursos, busque desempenhar o seu papel social da melhor maneira possível. Assim a “*educação é a domesticação do animal no homem*”<sup>7</sup>. Mas esta domesticação não é aquela do animal que agirá sempre controlado por um outro ser e sempre determinado por seus instintos. O animal não tem opção - porque é um ser apenas situado e determinado, segundo as ordens e a vontade de um outro. Ao contrário, a educação do indivíduo humano é uma domesticação cujo fim último é fazer do educando um educador, um educador de si mesmo tanto quanto todos os que têm necessidade de educar suas paixões.

O homem nas mais simples experiências da vida, ou seja no perpassar cronológico das idades, da infância à adolescência, da juventude à velhice pode ser testemunha desta passagem ao papel de educador de si mesmo e dos outros. Mas por não ser tão vital e comum esta experiência é entregue somente ao ciclo natural da vida, sendo esquecida e muitas vezes negligenciada, deixada então aos caprichos determinados da natureza. Não é uma questão tão nobre para ser uma preocupação dos políticos e muitas vezes do “*pedagogo*”, porém nada de humano se fez, nada de humano jamais se fez sem educação.

Um dos perigos, não desejados nem previstos do moralismo abstrato foi ter feito com que a educação, isto é, a luta contra a natureza do homem aparecesse como infinitamente menos importante que a luta contra a natureza exterior e como domesticação ao conformismo. Isto é tão verdade, que uma sociedade que chega ao máximo de sua razão instrumental ou técnica - como esta que estamos atravessando no final de um milênio - chega-se conscientemente a destruição de sua razão ética. A crise da nossa civilização - como

<sup>5</sup> PP, pp. 44-47

<sup>6</sup> PP, p. 47

<sup>7</sup> PP, pp. 47-48

bem expressou H. Vaz - *"é a crise de uma civilização sem ética"*<sup>8</sup>. A humanidade não foi capaz de se educar e educar numa conquista de uma ética ou formação que respondesse a este desafio. Como o homem não foi educado na sua natureza - ele simplesmente perdeu o horizonte de sua humanização. O homem hoje se acha envolvido num mar que o sufoca através de suas diversas ondas e ele não é capaz de superá-las. Ou se joga num ativismo inconseqüente na luta contra a natureza exterior - sem contudo eliminar o valor desta conquista - ou se torna uma "marionete" manipulado pelas paixões mais violentas do poder e do egoísmo de outros homens - os quais alimentam a sua paixão de imbecilidade e conformismo. É dura esta linguagem - porém é a expressão verdadeira do relacionamento dos homens, que não foram educados para serem sujeitos, mas sim objetos. Deixaram de ser fim, para serem instrumentos. Isto é o efeito de uma sociedade que preferiu avançar no "progresso" do que no processo de personalização do homem. A educação infelizmente pode se prestar a tal objetivo, mas esta não é a sua essência e estes não são verdadeiros educadores. Sente-se como a influência das revoluções técnicas, políticas e sociais mais violentas é tão fraca neste domínio da educação, uma vez que estão presas a libertar o homem enquanto ser razoável, mas não libertar o indivíduo empírico. A verdadeira revolução é obrigada a exigir dos indivíduos um grau de universalidade mais elevada na sua atitude concreta, uma renúncia maior do seu caráter empírico.

## 1 A EDUCAÇÃO E A INSTRUÇÃO

Dentro desta missão de definir o filósofo como educador, Weil chama atenção para uma questão bem discutida e evidente - porém jamais vivida e pensada em sua essência: a relação educação - instrução.

O que se experimenta em tantos seminários e simpósios educacionais - explicitada por alguns pedagogos - é que a dimensão essencial da educação se deixou abafar ou melhor sucumbir por sua dimensão somente instrutiva. A instrução pode ser educação, mas a educação não é instrução. Por um lado esta pode contribuir para que haja uma educação, mas por outro lado

*"ela é o meio mais fácil, mais direto, para que o indivíduo aprenda quão pouco valem suas paixões, seus desejos, suas preferências, quando se trata do que é e do que é verdadeiro: uma data histórica é o que é, a solução de uma equação é correta ou não é, uma tradução é exata e elegante ou não é"*<sup>9</sup>.

Mais infelizmente foi este ideal que agradou e agrada a maior parte da humanidade contemporânea. Houve em esforço conjunto - praticamente nos países ocidentais - para que todo homem fosse instruído, porém pouco esforço para que o homem fosse educado.

Não se pode negar o valor da instrução, mas é preciso notar que esse valor educativo da instrução não consiste na posse de conhecimentos úteis, mas em submeter o caráter à objetividade e à universalidade do juízo. Todos esses conhecimentos são indispensáveis para quem quer participar do trabalho social de maneira útil, a única exigência é aprender o método e é essa aptidão que torna o homem instruído. É evidente que o homem sempre se educa através de qualquer estudo, chegando a discernir o verdadeiro do falso, a qualidade da utilidade, o valor do encanto. E aqui emerge a idéia original de Weil:

*"uma opinião tão injusta quanto sem fundamento consiste em supor que os homens são aptos só para serem adestrados a determinadas funções... mas não para desempenhar ora uma função ora outra, sem perder a sua identidade"*<sup>10</sup>.

E é esta a característica e o modelo de todos os ambientes "educacionais" fruto de uma sociedade industrial e racional fundada sobre a categoria da "condição".

Weil recorda - conforme seu artigo: *"l'éducation en tant que probleme de notre temps"* - que este ideal de educação por instrução teve conotações diferentes ao longo da história. Já no século XIX e XVIII - a preocupação era mais com a "educação popular" - uma vez que partiam do pressuposto que os iletrados seriam pessoas sempre violentas, que não saberiam pensar e discernir seus próprios interesses - que não tinham oportunidades reais e que não poderiam jamais tornarem-se membros úteis da sociedade moderna. Por outro lado, jamais afirmaram que a instrução fosse capaz de satisfazer a todas as necessidades. Era apenas uma condição necessária, porém não suficiente. Era uma condição do aparecimento de um novo tipo de homem capaz de de-

<sup>8</sup> Veja a esse respeito o magistral editorial de VAZ, H. C. de Lima, "Ética e Civilização" in: Síntese Nova Fase 49 (1990) :5-14

<sup>9</sup> PP, § 16 pp. 48-49

<sup>10</sup> ibidem, p. 49

sempenhar bem o seu papel na grande empresa. Ninguém portanto poderia resistir a este desafio: a mudança era para todos, só os homens instruídos fariam trabalhadores competentes capazes de reagirem aos reacionários não "esclarecidos". De maneira que a instrução era o meio o progresso e o fim.

É evidente que ninguém deve renunciar ao progresso e nem negar o valor do melhoramento das condições materiais do homem. Porém a pergunta que se põe hoje é de saber como levar àqueles que não se beneficiam destas condições materiais, e por conseguinte, a instrução permanece uma das tarefas essenciais do nosso tempo. Weil nos coloca no cerne da problemática atual quando afirma:

*"as pessoas são pobres por que lhes falta a instrução sobre os meios e recursos de uma sociedade moderna, industrial e racional e isto lhes falta por que são pobres"*<sup>11</sup>.

Nesta perspectiva os pobres não têm solução, porém o que sucedeu nas comunidades ocidentais durante as três últimas gerações deve ser para o resto da humanidade. As comunidades deixadas ao acaso desejam beneficiar-se também dos frutos da tecnologia moderna, uma vez que esta é uma questão de sobrevivência do homem visto enquanto trabalhador e não como racional, mesmo que isto exija a mudança das suas concepções e valores fundamentais.

Todas as sociedades são chamadas ao progresso e este não terá mais fim. Todos os povos avançados ou atrasados terão necessidades de sempre mais de instrução - porque todos que usufruir dos frutos do progresso. Eles querem o progresso, porém estão prontos a proclamar que há valores mais altos, mas estes não os obriga a rejeitar aqueles que são menos elevados.

A instrução é uma necessidade e não constitui mais um problema. Certamente que as dificuldades não faltam, mas estas são de ordem técnica e a sociedade se quiser pode realmente resolvê-las: "dais bons salários e tereis bons mestres". Nós somos tornados calculadores civilizados, racionais dos nossos interesses pessoais e levamos uma vida melhor que nossos antepassados - isto já é constatado numa fração da humanidade que dispõe dos bens materiais e não há dúvida que o resto da humanidade cedo ou tarde caminhará para o mesmo objetivo. De maneira geral o progresso é um fato que se consolidará sempre mais. A instrução terá conduzido à liberdade, não a liberdade do ser, mas a liberdade do fazer e nisto têm razão os apóstolos da "educação popular".

O progresso é um fato e a instrução nos conduziu à liberdade do fazer. Que conseqüências poderíamos tirar desta situação? Weil responde com uma frase: o aborrecimento nato da insatisfação do interesse satisfeito - o que acarretaria - a violência como o único verdadeiro passa-tempo. Esta conclusão radical é tirada do seguinte raciocínio: se uma pessoa lamenta-se de se aborrecer, alguém dirá: faça alguma coisa para sair do seu aborrecimento, por isso se uma civilização inteira é ameaçada deste aborrecimento envolvida por um sentimento geral de insatisfação, não haverá ninguém que tenha condições de mudar e diga: faça alguma coisa, e neste caso o único recurso são coisas desrazoáveis: a violência.

A violência surge então da instrução que tem como fim o progresso. Esta realidade é constatada nas sociedades mais avançadas no nosso tempo, embora numa escala reduzida. Diante dos meios de comunicação, no seu sadismo crônico de mostrar a animalidade do homem, a violência tornou-se o retrato da humanidade; e o que é mais triste é que o aborrecimento engendra também a violência que se revolta contra o próprio sujeito: o suicídio, a droga, a promiscuidade sexual e estranhas religiões que alimentam mais a mais o aborrecimento numa ascendência de nausear-se de si e até da própria morte. A questão é angustiante, porém é um fato.

A sociedade pode se esforçar e muitas vezes com sucesso, em mostrar ao criminoso os danos causados a si e a humanidade. Porém esta atitude ainda não bastaria ao interesse mergulhado na náusea da insatisfação do interesse satisfeito. Afinal onde está a origem deste aborrecimento crucial? Será que esta situação necessitaria de uma educação?

A instrução nos diz como se deve fazer o trabalho, mas não indica o que será a obra. Falta-lhe algum complemento e algo que esteja para além da instrução, que é a educação. Os nossos antigos educadores haviam razão quando davam prioridade à educação, porém pensavam sempre mais nos males que acabrunhavam a grande parte dos seus contemporâneos e esqueciam de refletir aquilo que dava um significado, um valor, um sentido à própria vida. Eles certamente levavam uma vida sensata, de maneira compreensiva, os outros deveriam imitá-los para terem a mesma vida. Era uma educação de imitação que esquecia que os alunos deviam aprender a usar da sua própria liberdade e a utilizar bem o seu tempo livre.

Hoje modificamos os planos e os projetos, mas continuamos na mesma linha imitativa e oportunis-

<sup>11</sup> DEC, p. 300

ta. Inventamos novos estimulantes para incitar e aprender, introduzimos métodos sofisticados para estudar, temos dado aos clientes o direito de escolher dentro dos padrões estabelecidos. As motivações são interessantes, porém com o tempo e o uso, perde o interesse e o aborrecimento ganha novamente o seu lugar.

Seria natural dizer então que o remédio consiste em instruir os homens no uso da sua liberdade. Essa seria a resposta para os velhos mestres e os bons alunos dos mestres ainda mais velhos. É ridícula esta solução, uma vez que não podemos instruir no uso do liberdade, desde que a instrução só torna a liberdade condicionada, limitando e programando o homem. Devemos encontrar o meio de fazer pensar aqueles que nós educamos, e os fazer pensar por sua própria conta. Eles terão de construir seu próprio pensamento, e que pensar deve ter um sentido para eles e não somente constituir um valor comercial.

A empresa exigirá educação, que é radicalmente diferente da instrução. A educação será sempre feita pela via da negação, uma vez que esta não mostra onde reside o sentido, mas onde o sentido não pode ser. Obriga a cada um a admitir a sua perplexidade, o seu aborrecimento, a sua desesperança, confessando e refletindo a si mesmo. Não precisa mais de autoridades e especialistas para solucionar tal estado.

A empresa neste primeiro momento sofreria o impacto da diminuição da utilidade do indivíduo, mas por outro lado tornaria a sociedade moderna mais eficiente, extirpando a insegurança fundamental e a violência oculta que a caracterizava. Ela poderia amenizar as tensões sociais e internacionais, revelando à humanidade que esqueceu:

*“que o pensamento é uma grande e bela coisa em si mesmo, que o sentimento é nobre quando não é adulterado pela sentimentalidade e a possessividade, e que o mundo, se somente se ousa a olhar, já é bom”*<sup>12</sup>.

Com esta descrição não queremos dizer que a educação seja atingida sem a instrução. A instrução é necessária quando tem em mira uma sociedade que ofereça oportunidades de aceder à liberdade e de fazer uso desta mesma liberdade. É um fato que nós nascemos egoístas, violentos e que a instrução no domínio dos conhecimentos e dos modos nos transforma em seres humanos, enquanto possibilita a sobrevivência, mas podemos também nos libertar da coação que a natureza humana e todas as outras es-

pécies de violência natural que exercem sobre nós. Então o problema da educação à liberdade vem em primeiro plano e este problema já foi detectado como a questão central da filosofia grega. Os filósofos tais como Sócrates, Platão e Aristóteles procuravam sempre um conteúdo para a vida livre do homem. O homem não era obrigado a trabalhar para viver e nem combater a natureza com as mãos. O que era problema para uma pequena elite de homens livres tornou-se hoje um problema de gênero humano inteiro. O que nos diferencia é que lá eles haviam escravos e nós hoje temos as máquinas. Certo que a solução grega não é uma resposta para nós - mas pelo menos nos conscientiza - como eram conscientizados que os homens que evitam responsabilidade que implica liberdade, não poderão jamais serem felizes e permanecerem livres e que os homens que não têm condição de assumir a sua liberdade precisarão sempre de um mestre. Isto aplicado a nossa realidade significa que na era da libertação da máquina nos tornamos mais escravos dos outros. A instrução e o progresso material são indispensáveis, mas este não pode constituir o fim do homem.

É certo que os atributos e conflitos internacionais por impressionantes que sejam, não são necessariamente os perigos mais graves. O perigo que nos ameaça é *“o perigo de uma humanidade liberada da necessidade e da coação exterior, mas não preparada a dar um conteúdo a sua liberdade”*<sup>13</sup>.

E nisto consiste a urgência de dizer, que o problema mais importante é aquele da educação. O fim positivo da educação é dar ao indivíduo uma atitude correta nas suas relações com os outros membros da comunidade. Isto significa dizer que a educação visa a **virtude do educando**. Porém esta palavra virtude adquiriu conotações diferentes ao longo da história da humanidade. Na época pós-antiga o termo virtude se referia mais ao íntimo das nossas intenções do que com as nossas ações. Hoje, já na época moderna, é uma palavra que quase não se usa, devido a incoerência desta relação entre o pensar e o agir. Esta se manteve sempre decorrente da reflexão pura que não quer superar-se ou no seu aspecto privado - acordo do indivíduo consigo mesmo - ou apelando para um absoluto somente transcendente - inacessível ao homem empírico. A virtude nesta acepção moderna não se refere à ação. Ora, a educação diz o oposto desta situação, uma vez que *“visa precisamente à aquisição do indivíduo para agir convenientemente na comu-*

<sup>12</sup> Ibidem, p. 307

<sup>13</sup> Ibidem, p. 308

*nidade histórica*" (PP, 50). As intenções totalmente impenetráveis não desempenham nenhuma vantagem para a ação, uma vez que se referem mais ao fórum íntimo da pessoa, nas suas características psicológicas, como o amor e o ódio com todos os seus derivados e modificações. É a retidão no modo de agir e na atitude prática que decide o valor do indivíduo e da educação que ele recebeu. Portanto são os nossos atos, os nossos discursos, as nossas palavras que contam na história dos homens. Certo que nossos atos, nossas palavras muitas vezes muitas vezes refletem nossas intenções, mas são os atos que são verdadeiros ou falsos, independentes da nossa intenção. Essa dicotomia de intenção-ação revoluciona em parte também a reflexão filosófica de toda uma época, principalmente o kantismo, superado pelo hegelianismo na sua força de efetivar a razão na história.

Diante deste novo objetivo da educação que não consiste mais em uma **domesticação**, mas numa atitude consciente no seu agir, corre também o perigo de ser considerado como farisaico pelo fim a qual ele se propõe. Porém este termo é bem empregado, pois o homem agora quer ser julgado segundo o valor de suas ações: o bem e o mal retratado no agir comunitário, pois toda ação se refere a uma comunidade, tanto no seu sentido de elevação, como na sua destruição. De maneira que só podemos julgar o homem enquanto ação. O julgamento que foge à ação não compete ao homem, mas se existe este julgamento compete a Deus num mundo diferente. Se ao contrário, com o termo fariseu entende-se a atitude daquele que se atribui méritos que não possui ou que, apelando para a moral da universalidade, pensa satisfazê-la pela simples observação das regras impostas do exterior, então há razão para desaprovar o fariseu. A questão, porém, não consiste em saber se existe impostores e hipócritas.

*"Reprovar a educação por impor a moral ao indivíduo, por não impor o que, tratando-se de liberdade, só pode propor, é desconhecer a educação e a moral"*<sup>14</sup>

O que a educação oferece ao indivíduo, impondo-lhe costumes, modos de comportar-se, é o fato de conduzi-lo ao início de uma reflexão moral Pessoal sob a autoridade exclusiva da razão. Não é possível, no plano da formação do homem, chegar-se a um objetivo elevado, sem a mediação da educação. Hegel, já na sua Filosofia do Direito, na análise da sociedade moderna, § 150, já refletia que a única

virtude é a honestidade. Weil, porém vai mais longe, enquanto analisa que a honestidade está muito ligada as questões de interesse. Ora, o ideal visado pela educação é mais amplo, e está para além da honestidade. Uma vez que se pode ser honesto, pagando suas dívidas ou não pagando-as, restituir o depósito confiado ao próximo, recusar todo o negócio suspeito, sem contudo, **ser um homem educado**; pois, pode-se ao mesmo tempo, ser um inútil, um preguiçoso, ineficiente na sua própria função, medíocre nos seus juízos, mesquinho nas relações com os outros, e é precisamente isto que a educação quer expulsar do caráter empírico, ensinando que isso não se faz. Se indivíduo é educado, a ação não será um problema moral para sua reflexão: sua educação mostra-se no fato de agir sem por-se questões além das que se referem à técnica de execução. O que se chama conflito moral não se apresenta neste plano: o homem da moral da reflexão está em conflito com o seu próprio caráter empírico, mas é um conflito do ser imoral que, graças à moral, quer chegar ao acordo consigo mesmo. O homem educado age convenientemente.

O surgimento do sentimento de um conflito moral entre os deveres, entre os valores, mostra que, ou o mundo no qual nasce tal sentimento está fora dos gonzos e não conhece mais nenhuma educação, ou o indivíduo que sofre esse conflito não está educado. O primeiro, só será compreendido no plano da política; o segundo é apenas uma forma de revolta do indivíduo contra a universalidade concreta dos costumes que a educação impõe ao animal no homem. Para essa revolta, tudo torna-se problema moral; aquele que pratica o mal é mais interessante que o homem que simplesmente cumpre o seu dever e o instinto é mais profundo que a razão. Esses dois resultados podem ser úteis ao educador, uma vez que este pode descobrir que o que educa a razão é exatamente não razoável.

Quanto aos outros comportamentos falsos da sociedade, estes manifestam-se sempre atraentes do que autênticos e o verdadeiro. O ladrão, o criminoso, torna-se mais individual e autêntico que o homem que cumpre a sua função no mundo dos homens, e basta qualificá-lo alguém como sério para excluí-lo do número dos indivíduos autênticos que vivem uma existência autônoma. Mais uma vez recorda que se trata de educar o homem violento a razão. O ser perfeito jamais é concebido como ser razoável, mas como intellectus. É o indivíduo não universalizado que deve ser educado, ou que se edu-

<sup>14</sup> PP, 50

ca a si mesmo na sua obra. Isto mostra que a educação não pode ser uniforme, mas exige a vontade de compreender o homem na sua particularidade, mostra também que um certo tipo de educador pode fracassar na educação de um certo tipo de educando. É certo que grandes qualidades podem conviver com grandes defeitos, nem por isso deixam de ser defeitos que precisam serem educados. Convém ao educador despertar no indivíduo a faculdade de perceber e de fazer o que é bem em todos os sentidos do termo. Trata-se, pois, de formar no indivíduo um sentido moral e concreto, que a própria reflexão pura, reconhece a partir do momento que se quer encarnar-se na ação.

A educação deve ser real, isto é, encarnando a individualidade da pessoa. Caso contrário, pode ocultar talentos reais em prejuízos do próprio indivíduo. De sorte que a revolta do indivíduo contra uma má educação, pode contudo, ser-lhe de grande ajuda. Reconhecer os erros de uma educação autoritária e tradicional, não significa somente situar-se no campo da revolta, mas é antes uma oportunidade de elevar-se, no sentido de recuperar suas forças em vista de universalizar seus dons, torná-los reconhecidos pela comunidade a qual pertence, ou por uma comunidade que cria pelas obras que produz. É difícil citar-nos o nome de um grande homem, cuja a juventude tenha sido feliz, sem esforços e sem luta contra a pressão de um universal mal-apresentado; mas seria pior encontrar um homem de valor que, educado para opor-se ao universal concreto, tenha buscado em lugar de realizar uma obra ou missão, simplesmente exprimir a sua individualidade. Tanto *"rebeldes românticos"*, que mesmo que não receberam uma verdadeira educação, continuam sendo educadores do homem a uma atitude correta.

O filósofo consciente de que a educação só pode ser fundada na moral, acaba compreendendo que ele desempenha um dos papéis fundamentais no mundo histórico. É capaz de ver o seu lugar no cotidiano dos homens. Porém, encontra-se o educador inconsciente que transmite um saber morto ou um instrutor que inculca aptidões e atitudes parciais e particulares. São estes homens, que infelizmente destruíram a função da educação e a tarefa do educador.

O educador hoje torna-se um desestimulado, desvalorizado na sua carreira, tanto por aqueles órgãos que poderiam elevá-lo, como pela clientela geral pelo seu descrédito pela educação. A educação tornou-se algo de particular, visando uma minoria, e

por outro lado, desvinculado do seu objetivo fundamental. Deixou de ser uma educação de qualidade para ser uma educação de utilidade.

*"Existe, com efeito, uma maneira cômoda de domesticar o animal no homem: basta fixá-lo na sua animalidade. É igualmente cômodo fazer jorrar para a cabeça das crianças e adultos uma massa de saber inerte, renunciando a levá-la ao pensamento e a pensar"*<sup>15</sup>

Isso não quer dizer que a domesticação e a instrução sejam sem valor. Mas estas jamais poderão levar o homem à razão e a liberdade razoável, educação portanto, que pretende formar homens capazes de decidir e agir razoavelmente no seu lugar no mundo, segundo as exigências do universal na situação concreta, sabendo o que fazer e porque o fazem.

A tarefa da educação consiste em desenvolver no indivíduo a capacidade de compreender o que lhe diz respeito enquanto membro de uma comunidade humana. Só através da educação, o homem é capaz de vencer a fera que habita na sua individualidade. Diria que um povo sem condições de educação, como se vê hoje, é fadado aos piores desastres coletivos, seja através de um imperialismo que domestica, seja através de uma libertinagem onde ninguém tem consciência do valor do outro.

A educação prepara para a comunidade e por este motivo deveria ser a preocupação fundamental do político, cuja a única função é formar comunidades. Mas como este pode formar comunidades, se por outro lado a educação permanece ausente de suas metas? Grita-se em todos os espaços e tempos que a educação deve ser permanente na evolução do homem, porque a sua tendência animal (indivíduo) é muito mais forte do que sua tendência social. Na prática, é raro que a educação corresponda ao fim que objetivamente é o seu. É mais fácil servir-se de medo e do aguçado espírito de competição visando a domesticação e a instrução do que a cooperação e a solidariedade.

Este educador que se contenta em remeter estes indivíduos à comunidade, esquece que tais indivíduos serão incapazes de formar outros que tenham as mesmas qualidades de animal bem domesticado, como também, se estes se tornarem educadores, provocaram a revolta da individualidade não educada, numa sequência ascendente de depreciação da racionalidade do homem. De sorte que só o educador que pensa o seu papel pode evi-

<sup>15</sup> PP, p. 53

tar resultados maléficos que tornarão impossível o cumprimento de sua tarefa.

Em todo relacionamento há educação. De maneira que todo homem educa, consciente ou inconsciente, por seu discurso e seu agir. Todo discurso e toda ação influem sobre os outros e os formam, assim como formam o seu autor. De tal sorte que a realidade histórica é continuamente modificada; cada indivíduo contribui para o estabelecimento de regras empíricas que facilitam a coexistência e a colaboração entre os homens. Neste horizonte, o filósofo, na sua opção pela racionalidade deveria ser o dono da palavra, do discurso, a fim de que esta mesma razão, fosse a mola de transformação da comunidade. Devemos recuperar o Logos que infelizmente por culpa dos “maus filósofos” deixou-se sucumbir à revelia de outros discursos mais interessantes e atraentes, uma vez que são estes que muitas vezes alegram e alimentam a animalidade viva do homem.

A educação para a observância das regras, diz respeito a todos e a cada um. Ser educador, isto é, consagrar-se a educação, e a educação visando conscientemente à liberdade razoável do educando “é uma vocação”, uma profissão, um ofício” (PP, 54). Neste sentido o indivíduo especializa-se, forma-se para esse trabalho, adquire sua técnica e, consequentemente, faz-se reconhecer como qualificado pela comunidade. Ele preenche um lugar no mundo real e sua qualidade de educador é a sua maneira de participar do universal concreto da sociedade. E nesta interação do educador-filósofo com a comunidade ele poderá considerar-se o “*rei da comunidade*” porque é consciente que pensa e pode ensinar a pensar, e portanto capaz de dirigir a comunidade inconsciente. Ele ocupa o primeiro lugar não porque seja filósofo, mas porque tem a mais nobre missão de fazer que o homem torne-se cada vez mais homem, uma vez que o homem só é homem, quando caminha e se deixa dirigir por aquilo que o diferencia do animal (instinto) que é consciência. Só o homem é capaz de dizer “não” levado por sua racionalidade. E a sociedade que confia ao filósofo este papel régio torna-se a mais racional:

“... porém aos olhos da comunidade o rei não é ele, mas quem confirma no seu papel, isto é, o soberano, a administração, os eleitores. Ele é rei por direito, mas não de fato, ele é rei segundo o direito natural da razão que só ele instaurou”<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> PP, pp. 54-55

Mas por um lado, ele depende unicamente da comunidade, das convicções, das tradições, dos costumes da sua época, de sorte que tudo dependerá dos outros. E por outro lado, nada lhe garante que o mundo seja necessariamente favorável ao seu esforço.

O que é mais ingrato é que aquele que, por direito, se considera como “rei da comunidade” encontra-se na maior dependência. Esta comunidade pode dispensá-lo como supérfluo, sem que por isso sinta nenhuma privação como sentiria se dispensasse outros profissionais competentes e utilitários. Pode matá-lo, achando-se totalmente perigoso á ordem estabelecida pelo administradores públicos, isto é, os políticos e finalmente pode calá-los com a recusa de qualquer discurso que os perturba nas suas ações interesseiras e utilitárias. De modo que depende unicamente da compreensão e da boa vontade dos outros. E para que a comunidade o considere como necessário ou, pelo menos útil, é preciso que haja testemunhas que a educação já tenha obtido um certo sucesso. De maneira que só pode acreditar na educação, mesmo de maneira frágil e confusa, quem já optou pela razão.

Não pode haver educação sem uma educação prévia. O próprio fato da existência de um homem moral, buscando a razão e a liberdade para si mesmo e para os outros, mostra que o mundo real com o qual ele se relaciona não é um mundo da pura violência. De onde viria essa vontade razoável de razão, senão do mundo no qual ele vive efetivamente? O mundo já conhece em parte a razão, a liberdade e a educação. É impossível definir o mundo totalmente insensato, já existe a razão imanente aos acontecimentos.

O educador tem um lugar no mundo real, onde o seu pensamento compreende-se como fato porque o mundo não é fruto de pura violência.

“*O mundo contém a violência, jamais está livre dela, jamais encontra-se protegido dela e pode sucumbir no seu absurdo, mas não é fruto da violência pura*”<sup>17</sup>

De certo modo para viver e conviver é preciso que a violência já seja educada, tornada razoável em certo grau, o que facilita a presença do educador como um fato. A sua existência de homem moral-educador é um fato histórico, mas essencialmente histórico do que a existência de outras funções. O seu pensamento deve retratar o pensamento da comunidade, mesmo que este esteja em conflito com o seu pensamento, mas mesmo assim continua sendo o membro da comunidade que estaria em conflito com ela.

<sup>17</sup> PP, p. 56

É impressionante a preocupação de Weil em frisar que o filósofo em qualquer circunstância, é um homem de comunidade, mesmo que esta o assassine.

*“Ele é a consciência agente da comunidade, e se autocompreender como consciência de uma comunidade informada pela razão; ele é consciência de si de uma consciência que não se conhece como tal, mas existe”*<sup>18</sup>

Não é fácil para o homem da consciência pura acreditar que o mundo da ação seja sensato em si mesmo. Esta decisão por esta compreensão exigiria dele a renúncia do falso contentamento de uma realidade transcendente ao mundo histórico, porém nenhum argumento é capaz de convencer a quem se instalou em tal situação. Ele recusará assumir qualquer risco que ponha em jogo sua particularidade. De maneira que, só quem supera a reflexão formal é capaz de ver a necessidade desta superação. Somente quando o educador filósofo é convicto que sua função é no mundo e deste mundo aqui e agora, é que cessará o conflito que o opunha a este mundo.

A partir daí este mundo não será mais o caos, o mal que o filósofo deve lutar, mas será o seu próprio campo, o domínio de sua atividade e de seu pensamento uma vez que o seu pensamento e o seu agir só serão positivos, quando este mundo será a sua casa. O mal continuará no mundo, mas este não será o mal porque este mal sempre a condição do bem.

A tarefa do filósofo-educador será então de desvelar as estruturas do mundo em vista da realização da liberdade razoável. E aqui se dá o ponto de unidade entre o filósofo e o político, ambos responsáveis pela efetivação da razão. Enquanto o filósofo pensa o que possibilita o reino da razão; o político constrói este reino. Porém a grande questão será a de determinar a forma de ação que permitirá aos homens de instituição: o homem do Estado ou o homem de igreja, de trabalhar no sentido da realização efetiva da liberdade. E aqui eu repetiria – a grande originalidade de Hegel em decifrar o cristianismo – a religião que despertou o princípio da liberdade, porém ainda não foi capaz de concretizar este mesmo princípio. E esta pergunta se torna a mais necessária e atual, uma vez que o homem de hoje embora ameaçado por todos os lados, numa crise de descrença e de sentido ainda espera que estas mesmas instituições ainda sejam capazes de cumprir a sua razão de ser.

Ninguém pode negar que a política hoje é a mediação social mais atingida nos seus alicerces,

porém ainda continua a ser a esperança de qualquer cidadão, na sua ânsia de encontrar a via mais adequada para personalização do indivíduo, desembocando assim na construção de uma comunidade justa e verdadeira. Esta ansiedade é tão evidente que o homem na sua angústia assume as vezes funções tão diversas, ora apelando para racionalidade ora para animalidade da certeza de que o mundo ainda é sensato e não caminha para o absurdo e o niilismo.

O filósofo portanto se quer agir, deve não somente admitir o princípio de uma razão encarnada, mas ainda conhecer todas as formas que a razão assume no mundo. Por exemplo, um mundo onde os homens não refletem somente sobre os princípios de sua ação, mas agem segundo a moral existente, um mundo onde a educação e amoral não sejam somente possibilidades, mas sejam realidades. De forma que: “a primeira tarefa de quem quer transformar o mundo consiste em compreendê-lo no que ele tem de sensato” (PP, 57).

## SIGLAS

AEW = Actualité d'Éric Weil.

DEC= Philosophie et Réalité. Derniers essais et conférences I.

EC I e II= Essais et conférence I e II.

LP= Logique de la philosophie.

PK== Problème Kantien.

PM= Philosophie morale.

PP= Philosophie politique.

## BIBLIOGRAFIA

WEIL, Éric. Hegel et l'Etat, Paris, Vrin, 1980.

\_\_\_\_\_. Logique de la Philosophie, Paris, Vrin, 1985.

\_\_\_\_\_. Philosophie Politique, Paris, Vrin 1984.

\_\_\_\_\_. Problèmes Kantien, Paris, Vrin, 1992.

\_\_\_\_\_. Essais et Conférences I, Philosophie, Paris, Plon, 1970.

\_\_\_\_\_. Essais et Conférences II, Politique, Paris, Plon, 1971.

<sup>18</sup> PP, p. 56